

RESENHAS

MIGRAÇÕES E MEMÓRIA: CAMPO E CIDADE NAS LEMBRANÇAS DE MIGRANTES

Déa Ribeiro Fenelon*

Lucena, Célia Toledo. *Artes de lembrar e de inventar – (re)lembranças de migrantes*. São Paulo, Ed. Arte & Ciência, Coleção Universidade Aberta, 1999.

Pela problemática de investigação e pelas opções metodológicas propostas e realizadas, o livro de Célia Lucena, antes sua tese de Doutorado no programa de Pós-Graduação em História PUC-SP e aqui resenhado, está perfeitamente inserido na temática Campo e Cidade, objeto deste número da revista *Projeto História*.

Tanto melhor que assim o seja, pois, além da satisfação de resenhá-lo, isto nos dá a oportunidade de discutir ângulos e abordagens do tema que é afinal a preocupação central deste número da Revista. Primeiro quero ressaltar a utilização de novos materiais, ou seja, a produção de fontes orais, principalmente os depoimentos de muitos dos sujeitos deste movimento migratório, que constituem o material preponderante nesta pesquisa.

O tema das migrações internas ou migrante nacional não se constituiu logo em objeto privilegiado da produção historiográfica e levou tempo para se firmar como objeto reconhecido dos historiadores. De todo modo, estes estudos acabaram por sofrer o rescaldo dos trabalhos com a *imigração*, grande tema da historiografia, principalmente a paulista, que assim era natural, ou então no Sul do Brasil, principalmente com as comemorações recentes de centenários e outras efemérides... Mesmo assim o tema vem sendo tratado de diversas maneiras pela historiografia com uma produção bastante acentuada para reforçar o ponto de vista econômico ou demográfico, ressaltando-se quase sempre os números e as características destes movimentos. De outro lado, também é

* Professora do Departamento de História, PUC-SP.

numerosa uma produção que, se aproveitando de viés antropológico ou sociológico, apresenta estudos sobre migração nacional com ênfase nos aspectos chamados de integração cultural, influências e aculturações, ou mesmo de contribuições culturais a partir de tradições e do impacto de diferentes costumes, seja no vestuário, nas festas, na religiosidade e até mesmo no levantamento de hábitos e receitas da culinária de cada região de origem destes migrantes.

O trabalho de Célia, ao contrário, propõe-se a examinar o tema por outro ângulo, fazendo-o com bastante criatividade, ou seja, investiga valores, costumes, sonhos, expectativas e experiências sociais de migrantes oriundos de uma mesma região de Minas Gerais – em torno da cidade de Barbacena – que se fixaram em um mesmo local: bairros da região de Cotia, na Grande São Paulo. Indaga-se pois sobre “os significados simbólicos que permeiam os universos culturais e possibilitam refletir sobre a mobilidade social levando em consideração as representações do rural e do urbano nas diferentes fronteiras temporais” (p. 19).

Trata a autora de examinar por meio da história oral e de histórias de vida as múltiplas representações do ser migrante e a relação entre memória individual e coletiva. Dentro destes limites busca analisar as representações dos sujeitos que viveram o processo migratório a partir do final da década de 50 e no decorrer da década de 60, trabalhando e privilegiando suas expectativas e suas experiências de vida no mundo rural e no urbano. Os depoimentos foram tomados de sujeitos de duas gerações, o que permitiu examinar e analisar como “reinterpretaram e inventaram as experiências vividas no lugar de origem no contexto da grande cidade”.

Atenta às implicações e aos desafios de lidar com a memória e com depoimentos orais, a autora consegue articular e problematizar cotidiano, memória e experiência social com análises vivas e atentas, tendo sempre em mira as premissas apontadas de conceber como cultura tanto os modos de viver, lutar e trabalhar como os de morar, festejar, cozinhar, etc.

Toda esta abordagem conduz a investigação na direção de analisar dois espaços, a vida vivenciada em Minas, na região de Barbacena, e a vida vivenciada na periferia de São Paulo, nos bairros de Cotia. Não deixa de ser uma proposição ousada, mas para isto a autora se dispôs não apenas a examinar as experiências do cotidiano dos migrantes em seus locais de estabelecimento na Grande São Paulo – significativamente *Jardim Barbacena* –, mas realizou o caminho de volta e foi até os lugares de origem destes migrantes para melhor compreender seus modos de vida.

Sobre esta questão nos diz a autora: “percorri o caminho realizado por eles, investigando, também seu espaço de origem, sua cidade, os bairros rurais de onde trouxeram práticas de trabalho com as quais enfrentavam difíceis condições de vida no campo”. Considerando ainda as questões mais gerais de tempo e espaço, e pela observação, pode nos indicar que na nova terra o jeito de ser, os modos de vida, a construção das moradias, os quintais, as vendas e os bares apresentam semelhanças com o bairro rural de onde partiram.

Com o andamento da investigação, sobretudo com o acúmulo dos depoimentos colhidos, as questões principais foram se delineando: como compreender o significado e as dificuldades da mudança realizada, percebendo, coerente com os pressupostos, a maneira como construíram representações da cidade de São Paulo e também do lugar que ficou para trás, ou, além do mais, analisar como usos e costumes trazidos de Minas se modificaram ou se transformaram no espaço paulista. E aí a problemática se define melhor para “considerar como um tempo mineiro, o modo de viver rural de Minas é reinventado pelos migrantes no Jardim Barbacena e, nesse processo, como suas identidades são reconstruídas dentro dessa multiplicidade de tempo e de espaço” (p. 21).

Definições e delimitações fizeram a pesquisadora optar por trabalhar com um bairro, por considerá-lo como espaço privilegiado para análise das representações que os sujeitos constroem para sua cidade, tendo sempre presente o espaço mineiro, ou o lugar de origem destes migrantes tomado como contraponto para ampliar observações e problematizar a análise.

Recusando interpretações tradicionais decorrentes da adesão às teorias da marginalidade e que conduziram às interpretações de que o migrante uma vez abandonando sua terra natal se sentia perdido, desamparado e conseqüentemente sem identidade na cidade grande, a autora prefere se contrapor aderindo às noções de pluralidade cultural o que lhe permite entender que as experiências de confronto e a justaposição de valores antagônicos podem também permitir a reconstrução de identidades pela junção de múltiplas identidades, enfatizando sempre que a identidade é algo reinventado em diferentes tempos e em diversas circunstâncias históricas.

Enfrentando o debate sobre a relevância ou não do uso da história oral como recurso metodológico, para a investigação histórica, considera esta discussão já superada e apóia-se em Alessandro Portelli, Mercedes Vilanova, Marieta Ferreira e outros autores para colocar questões, como a relação passado/presente, por exemplo, sempre permeadas pelos trabalhos com a memória e tendo presente a premissa, já levantada, de que o passado é construído segundo as necessidades do presente e daí ser importante atentar

para os usos políticos dessa construção. Por isto mesmo há que considerar as evidências orais como fonte importante para explorar as possibilidades e a historicidade de experiências sociais, no caso dos migrantes mineiros que se fixaram no Jardim Barbacena, na periferia da Grande São Paulo, formando novas famílias, entrecruzando-se com vizinhos, agora em uma nova realidade social urbana, principalmente.

Outra questão trabalhada é a das subjetividades presentes quando se lida com fontes orais, nos depoimentos recolhidos como histórias de vida ou narrativas sobre o cotidiano na nova residência. Reafirmando não se tratar mais de quaisquer dificuldades na análise destas fontes, mas que ao contrário, nessa nova perspectiva, trata-se de incorporar estas subjetividades em uma relação dialógica constante entre entrevistador e entrevistado, naquilo que Portelli já analisou para enfatizar o experimento da entrevista como um experimento de igualdade. Com isto se valoriza a idéia de que a fonte oral é sempre uma fonte viva, inacabada, que nem sempre se exaure na primeira abordagem, estando em constante mutação, se considerarmos sua relação com o presente e as questões que este coloca. Ao explorar os depoimentos conseguidos na reconstrução do texto aqui resenhado, a própria autora reconhece que muito ficou para ser analisado futuramente sugerindo o manancial de questões contidas nestes trabalhos com memória de migrantes.

Além disto propõe-se acompanhar nas interpretações dos depoentes, as metáforas, os silêncios, as omissões, os esquecimentos, a gestualidade, as diferentes entonações da voz, as emoções enfim, atenta às ênfases presentes nas narrativas de cada um dos migrantes que se dispuseram a prestar seu depoimento, exercitando-se nas artes de lembrar e de inventar, como tão bem quer o título dado ao livro.

Por isto, interpretar estas experiências, diz a autora permite apresentar uma nova perspectiva para os estudos das migrações para São Paulo, nas décadas de 50 e de 60, através das invenções e subjetividades dos sujeitos, e relembando que o ato de recordar possibilita ao sujeito que lembra identificar-se com suas próprias histórias. E acompanha Portelli quando reafirma que as fontes orais contam não apenas o que o migrante fez, mas o que queria fazer, o que acredita que fez e o que agora pensa que fez, porque a sua verdade pessoal passa a coincidir com a “imaginação compartilhada”.

As representações, nos lembra Célia, são traços da memória. Ao narrar o migrante utiliza suas lembranças, recorre ao passado, constrói representações e transforma idéias e imagens em realidade, mesclando as várias grandezas do tempo. Na temporalidade, os diferentes espaços da trajetória de vida dos migrantes permitem ao pesquisador reescrever uma outra história sobre a migração, com a oportunidade de relacionar as particularidades com a totalidade e de reconhecer a diversidade e a pluralidade. (p. 25)

Ao explicitar o percurso da investigação em suas várias inflexões, a autora consegue transmitir os muitos impasses da pesquisa e as opções realizadas para tentar enfrentá-los, bem como permite ao leitor acompanhá-la ao longo do texto.

A organização do livro acabou sendo apresentada em três blocos de questões para desenvolver a problemática trabalhada. No primeiro capítulo intitulado – “A trajetória de mineiros: São Paulo, lugar da aventura” – a autora consegue nos apresentar um excelente texto sobre a construção de um projeto familiar em busca do “outro lugar”, onde se depositam todas as esperanças de alcançar uma vida melhor e onde se sonha com a terra das oportunidades. No segundo capítulo – “Construindo a memória: um olhar sobre o passado” –, explora-se de forma bem aprofundada a constante relação que estes migrantes expõem em suas lembranças de um espaço e de outro, sempre impregnados de um forte sentimento de pertencimento e de outras emoções. Finalmente, o terceiro capítulo, “O cotidiano, o bairro periférico”, no qual se procura entender as invenções de novos valores culturais na cidade grande, juntando tradições rurais com os valores da sociedade industrial. Tudo isto analisado através das festas, dos rituais de entretenimento, das comemorações religiosas, nas mudanças de relações sociais e de compadrio e na maneira de enfrentar as novas mudanças e transformações da vida urbana.

E assim resta dizer da riqueza da investigação apresentada, da linguagem direta e clara, do aproveitamento dos depoimentos, com análises consistentes, criativas e sempre articuladas às propostas tão bem desenvolvidas e praticadas. Certamente é obra a ser consultada por quantos se interessem pela temática das migrações.